

Relatório da Disciplina de Mestrado: Sociologia Econômica

Ano 2018/ Turma 2º Semestre

**Germano Antunes Tedesco
Florianópolis, 8 de dezembro de 2018**

Análise Geral do Semestre

A dinâmica desta disciplina foi realizada de forma diferente do habitual, aonde nós alunos fomos estimulados a discutir os temas relacionados aos textos da Sociologia Econômica. Esta disciplina tem como referência a Universidade Rural do Rio de Janeiro através do prof. John Wilkinson.

Dentro deste formato foi possível se atentar mais as diferentes percepções dos alunos presentes acerca dos assuntos abordados, validando ou confrontando posições e visões com o objetivo de assimilar os textos de uma forma conjunta e colaborativa.

Outro ponto em especial foi a presença de convidados para o desenvolvimento dos temas das aulas. Em um destes momentos, dentro do tema oito, os colegas Marcos e Gabriela trouxeram para discutirmos as visões sobre as trocas econômicas além das curvas de oferta e demanda e citamos o autor Thorstein Veblen. Os colegas apresentaram vídeos que ilustravam os estudos deste autor ,estes estudos datam de um pouco mais de um século e versam sobre a ostentação das pessoas de classes mais altas. E na mesma semana, em um grande evento de tecnologia em Florianópolis, uma das principais palestras abordou o mesmo assunto e tomando por base o mesmo autor. Estive presente em uma plenária com aproximadamente 5 mil pessoas e fiquei surpreso com tamanha coincidência. Foi bom compreender que neste momento da disciplina nós estávamos debatendo temas atuais de uma forma densa com uma boa fundamentação teórica .

Os alunos convidados a apresentarem suas teses foram de boa importância para esta dinâmica de aula. Mostraram um outro caminho do conhecimento de forma prática, através do aprofundamento dos estudos e para mim, particularmente, foram trocas muito positivas por se tratarem de assuntos da agricultura, campo de estudo que me identifico.

Os trabalhos sobre a uva Goethe e o queijo cru foram muito bons pois evidenciaram a jornada dos pesquisadores desde a identificação e concepção do tema até as problemáticas com o desenvolvimento e o pós-trabalho nestes locais. As atividades realizadas por estes colegas podem vir a ser o suporte para novos trabalhos e principalmente, instrumentos para a qualificação e reconhecimento destes trabalhadores.

Durante o decorrer da disciplina, participamos a convite do professor Renê do evento de Rede de Estudos Rurais e foi muito esclarecedor pois auxiliou a compreender a filosofia da sociologia econômica como campo de estudo. Estudar a economia através da sociologia e não ao contrário. É uma mudança de paradigma simples, mas que realmente traz panoramas mais amplos sobre os processos de troca e evidencia o porquê do alimento ser um campo político. A troca monetária pelo recurso alimento possui uma responsabilidade social muito forte, afinal o recurso financeiro aplicado nas nossas escolas irá aumentar o poder e escala dos contextos em que este alimento está inserido.

Gostei muito da óptica que nos foi apresentada de observar questões cotidianas com mais profundidade e tenho muito a agradecer por todo o despertar gerado por esta disciplina. Sem considerações de melhoria. Apenas uma sugestão. Eu gostaria de ter apresentado um local próximo da universidade, é um bar e ao mesmo tempo uma escalada indoor, em que os sócios trabalham de forma colaborativa e o local possui uma dinâmica muito interessante. Neste local é possível visualizar na prática alguns fundamentos dos textos estudados. Fica a sugestão para uma próxima turma.

Conteúdo

O que é exactamente a sociologia econômica? - A sociologia econômica procura explicar os fenômenos econômicos utilizando as ferramentas da Sociologia. (Swedberg, 2002).

Esta forma de pensamento tem origem no início do século XIX, como uma forma alternativa a hegemonia das teorias econômicas como a neoclássica.

Teóricos da envergadura de Durkheim, Weber, Simmel ou Veblen, por exemplo, tentam denunciar os pressupostos teóricos e metodológicos de uma ciência social que se reivindica independente do meio social. Sem se limitar a este papel crítico, eles aplicam

seu próprio modelo analítico ao estudo dos fenômenos econômicos.(Raud-Mattedi, 2005).

Durkheim identifica o mercado como uma das “instituições relativas à troca”. Para Durkheim “as instituições organizam as relações sociais e as atividades econômicas, não somente porque regulamentam os conflitos de interesse, mas sobretudo porque permitem a definição mesma dos interesses individuais”. Durkheim não define realmente o que ele entende por mercado. No entanto, ele não deixa de considerar este fenômeno econômico como uma instituição, ou seja, um fato social. (Trigilia,2002, pp. 76-77).

Weber, por sua vez, na sua cuidadosa análise das categorias sociológicas fundamentais da economia, não deixa de definir, mesmo que de maneira sucinta, sua concepção de mercado. “Falamos de mercado quando pelo menos por um lado há uma pluralidade de interessados que competem por oportunidades de troca”, assim o “[...] fenômeno específico do mercado [é] o regateio” (Weber, 1991, p. 419). Weber via o mercado como o resultado de duas formas de interação social – a troca, que está simultaneamente orientada para o parceiro e para os concorrentes, e a competição (luta sobre os preços entre o cliente e o vendedor e entre concorrentes, tanto vendedores como clientes).

Estes dois autores clássicos, Durkheim e Weber, analisam o papel das instituições na regulação do mercado, contudo o significado das instituições não é o mesmo para Durkheim e para Weber. Se as instituições determinam o comportamento dos indivíduos em Durkheim, elas o orientam em Weber. Com efeito, para ele, não é a norma em si que explica a ação social, mas a apropriação que o ator social faz desta norma. (Raud-Mattedi,2005).

Para Weber, a norma pode influenciar a conduta com diferentes graus de consciência: costume, cálculo utilitário ou respeito valorativo da norma. E também difere em sua racionalidade formal da economia e material. Se a primeira refere-se à aplicação rigorosa da lógica fria do cálculo de custo e benefício, a segunda permite introduzir uma avaliação valorativa das conseqüências sociais da atividade econômica. A “racionalidade formal” de uma atividade econômica tem a ver com “[...] o grau de cálculo tecnicamente possível e que ela realmente aplica”, ou seja, uma atividade

econômica será considerada “formalmente racional” à medida que suas “previdências” possam ser quantificadas (Weber, 1991, p. 52). Nesse sentido, a economia moderna é o arquétipo da atividade econômica formalmente racional, na medida em que é orientada para o lucro, que supõe o cálculo monetário, “meio formalmente mais racional de orientação da ação econômica” (Idem, p. 53). A racionalidade material, em contrapartida, garante a possibilidade de se avaliar a atividade econômica sob outros pontos de vista. Exigências éticas, políticas, de classe, igualitárias etc., podem ser mobilizadas para apreciar a atividade econômica no contexto de uma racionalidade em valor ou de uma racionalidade material em finalidade. Nesse sentido, essa racionalidade avalia os resultados da atividade econômica em termos de repartição dos bens entre os diversos grupos sociais, em termos de hierarquia social, ou ainda em termos de outros critérios de valor. Weber acrescenta que essas duas formas de racionalidade “[...] discrepam, em princípio, em todas as circunstâncias”, mesmo que possa ocorrer ocasionalmente uma coincidência (Idem, p. 68).

Polanyi evidenciou em seu trabalho que as sociedades não realizam a alocação de recursos a partir de uma ótica exclusivamente racional. As sociedades mais primitivas apresentavam comportamentos como reciprocidade e solidariedade em suas trocas, fatores que ainda podem ser vistos na sociedade atual. Essa evidência vai de encontro a visão neoliberal e neoclássica de que as trocas e as relações econômicas são guiadas fundamentalmente por preço e eficiência racional (POLANYI, 2000).

Entrando na Nova Sociologia Econômica, define-se esta como a sociologia que se ocupa do estudo dos mecanismos sociais que proporcionam o estabelecimento de redes de relações sociais continuadas, observando os modos como estas relações estão na base da construção de contratos, firmas, organizações várias, grupos empresariais e instituições econômicas. Nesta acepção, que estabelece o primado de uma ordem interacionista, os conceitos de capital social, de redes e de confiança assumem um papel central na teorização sociológica em torno de variáveis econômicas. (cf. Koniordos)

Para Granovetter (1973) a sociedade interliga seus membros através de laços, sendo estes fortes e/ou fracos. Um laço forte é caracterizado por pessoas próximas, que se comunicam, partilham de contextos, possuem confiança entre si. Família, amigos

próximos, colegas de trabalho. São relações em que a tomada de decisão pode ser alterada ou potencializada por influência destes laços fortes. E o laço fraco se define como pessoas que trocam informações, se comunicam porém com limitada confiança e pouco poder de persuasão e conseqüentemente, pouca influência nas tomadas de decisões.

Considerações finais

Os textos abordados foram diversos e serviram como uma introdução ao conceito da Nova Sociologia Econômica. Mesmo a matéria sendo introdutória, ela se mostrou bastante profunda e reveladora pois foge ao campo teórico ao evidenciar as relações de troca por outro prisma. Além de apresentar uma ótima fundamentação teórica com títulos e autores de diversas épocas, é notório que os conceitos da NSE formam competências instrumentais para quem os lê e compreende.

O constrangimento que um comerciante possui ao trocar de fornecedor, argumentando sua decisão ao antigo fornecedor como se estivesse terminando um relacionamento conjugal é muito bem fundamentado dentro das premissas da Nova Sociologia Econômica, pois a culpa e o constrangimento em fazer uma mudança não podem ser dimensionados utilizando apenas métricas financeiras e administrativas. É necessário se reconhecer que existem laços de confiança entre as partes e que as trocas são mais profundas do que apenas a relação mercantil.

A NSE é uma alternativa ao pensamento elegido como dominante, em que a racionalização financeira e monetária são vistas como óbvias, quando na verdade se mostram frágeis na sua própria estrutura pois reduzem a sociedade a um conjunto de *homo economicus* em busca do capital acima das relações humanas. O despertar da NSE traz questionamentos sobre os meios sociais que precisamos estar inseridos para alcançar objetivos, pois ao optarmos por determinados caminhos nos colocamos diante de lugares, pessoas e convívios sociais que alteram nossos hábitos, dinâmicas e acabam por moldar nosso jeito de viver.

Principais Referências

Marques, R. “Os Trilhos da Nova Sociologia Econômica” in A Nova Sociologia Econômica, Celta, 2003.

Polanyi, K. The economy as na instituted process. In: Granovetter, M. S.;Swedberg,R. (eds.). The sociology of economic life. Bulder, CO:Westview Press, 1992.

Steiner, P. A Sociologia Econômica, Atlas, 2006.

Vinha, V. (2001) “ Polanyi e nova sociologia econômica: uma aplicação contemporânea do conceito de enraizamento social”. Economica 3 (2) 207 – 230.

Weber, M. (1978) Economy and Society, University of California.

Granovetter S. Mark (1973) “The strength of weak ties”. American Journal of Sociology”. V78(3),1360-1380.

Koniordos, Sokratis (no prelo), *Networks, Trust and Social Capital: Theoretical and Empirical Investigations from Europe*, Ashgate.